



A recepção mediática e a perspectiva da “dupla mediação”



Mauro Wilton de Sousa
CTR/ECA/USP





Resumo

Vem se tornando lugar comum na contemporaneidade indagar sobre a atualidade e a pertinência das teorias da comunicação no contexto de mutações que hoje marca a um só tempo a sociedade e o processo da comunicação social. O tema da recepção mediática aí se insere e se coloca igualmente diante de indagações diversas. O presente texto ensaia reflexões a respeito e em especial quanto às possibilidades de compreensão da recepção mediática desde a perspectiva do que vem sendo denominado de “dupla mediação”.

Palavras-chave

Recepção mediática, “dupla mediação”, Enraizamento social, Comum mediático, Espaço público mediático, Sentimento de pertencimento.

Abstract

It has become common place in contemporary inquire about the timeliness and relevance of communication theories in the context of mutations that today marks the one time the society and the process of social communication. The theme of media reception occurs and there also arises in front of several questions. This essay is intended reflections on and in particular the possibilities of understanding of media reception from the perspective of what has been called “double mediation”.

Key-words

Reception in the media, Double mediation, Social roots, Mediatico public space, Sense of belonging, Common media

A recepção mediática como perspectiva em processo de mutação

A relação entre indivíduo e sociedade tem sido marcada desde o século passado pela presença generalizada de ferramentas de informação e comunicação de longo alcance, também denominadas de massivas, constituindo-se como um dos elementos fundamentais de caracterização do lugar de mediação que a comunicação tem exercido na sociedade contemporânea. O contexto histórico da sociedade na época, definida pelos princípios da modernidade capitalista em expansão e igualmente marcada pela significação do advento de ferramentas que alteraram as condições de produção econômica e de condução da vida pessoal e coletiva, formaram um amplo, diverso e complexo conjunto de fatores que se associaram no dimensionamento não só desse papel mediador que a comunicação tem exercido desde então, mas na caracterização da própria sociedade denominada de contemporânea.

Esse lugar mediador da comunicação nas relações que sustentam a vida pessoal e coletiva das pessoas tem sido, pois, especialmente estudado no que se refere ao papel e à significação social, política e cultural das ferramentas de informação e comunicação, espaço também denominado de tecnologias da informação e da comunicação. Ainda que o processo da comunicação social não se restrinja ao uso de suas ferramentas de suporte, os esforços no alinhar o conhecimento e a construção interpretativa desse processo, e que resultaram no que se denomina de teorias da comunicação, refletiram bastante a preocupação em qualificar o tecido social a partir das possibilidades e da significação do uso dessas ferramentas, especialmente no

estratégias de marketing e mesmo sobre as relações públicas nas organizações na verdade sintonizam, ainda que com termos diferentes mas com preocupações semelhantes, essa mesma racional de meios e fins e que na verdade tem marcado o tema da recepção mediática na contemporaneidade.

Atente-se, ainda que em uma rápida retomada histórica, que o tema da recepção mediática nessa perspectiva até aqui apontada, adquiriu especial importância desde a tradição norte-americana de estudos em comunicação. Estudos e práticas de recepção mediática, no âmbito acadêmico, e estudos de consumo, no âmbito do mercado, muitas vezes se confundiram e ainda hoje se interpenetram.

Esses estudos foram igualmente marcados pela crítica frankfurtiana e a advertência das conseqüências advindas na dimensão massiva aí resultante não só quanto ao consumo de bens como no que se refere aos valores que sustentam as práticas culturais. (Martin-Barbero, 1995, p.39).

Os estudos a respeito foram sobretudo trabalhados até há alguns anos por essas duas tradições de pesquisa. A dimensão de recepção cada vez mais associada ao consumo e a marca como que imputada ao receptor como passivo de um processo cultural, político e ideológico são alguns dos traços que aos poucos foram tornando o tema da recepção limitado e pouco expressivo em seu poder interpretativo, razão de preocupação e da necessidade de busca de novos caminhos.

Dois aspectos se colocaram, no entanto, na última década, com a perspectiva de novos olhares a respeito: de um lado, as possibilidades advindas dos estudos culturais ingleses, em especial na versão assumida na América Latina e, de outro lado, o desenvolvimento e expansão generalizada de tecnologias da informação e da comunicação, também chamadas de tecnologias horizontais ou tecnologias pós-massivas e que propiciaram diferentes processos de qualificação das práticas de comunicação.

A presença dos estudos culturais tem apontado um deslocamento possível e metodologicamente desafiador: compreender a comunicação não a partir do emissor, mas das práticas que no mundo da cultura permeiam a recepção, o espaço das múltiplas mediações aí possíveis. (Martin-Barbero, 1997).

A presença crescente das tecnologias horizontais reforçava essa possibilidade metodológica dos estudos culturais em sua acepção assumida na América Latina, ainda que na multiplicidade de aparatos tecnológicos permeando essas mesmas práticas, cada vez mais plu-



rais, e também cada vez mais convergentes.

A emergência de ferramentas de informação e comunicação, não mais só verticais e voltadas ao consumo massivo, mas que também possibilitam relacionamentos sustentados na horizontalidade de relações individuais e em redes, vêm se dando na simultaneidade do aflorar de problemáticas novas ou retomadas e revisadas em sua significação como as que se referem a identidade cultural, a subjetividade, o imaginário social, a comunidade, o público e o privado. Esse aflorar de novas problemáticas sociais e culturais se de um lado não possibilita apontar uma relação causal decorrente das novas mídias, ou de sua convergência, surge na confluência de reconhecimento de todo um processo cultural que se manifesta marcado pela diversidade cultural, por um tecido social onde se evidencia o questionamento de valores e normas tanto quanto crises na significação de instituições tidas como estruturantes do estar junto coletivo na modernidade.

Estes diferentes aspectos se colocam na verdade como indagação do que de fato significa a mediação desempenhada pelos meios de comunicação no contexto da relação entre indivíduo e sociedade na contemporaneidade, admitido que a causalidade da relação do emissor sobre o receptor através das ferramentas de suporte, expressão de poder de controle social, tem na diversidade mesma desses suportes e das razões de seu uso, tanto quanto na pluralidade das práticas culturais que sustentam as pessoas e suas razões na produção da subsistência e na condução da vida individual e coletiva, racionalidades que não se ajustam entre si e entre seus muitos e diferentes atores. O modelo paradigmático de emissor-receptor, canal-mensagem sustentado na busca de controle social tem em si mesmo, na contemporaneidade, os elementos de sua contradição. (Sousa, 1998, p.39).

O tema da recepção mediática, nas tradições desenvolvidas até agora em seu estudo, mostra-se, pois, já com dificuldade para dar conta de relações sociais e culturais onde a presença e atuação de ferramentas tanto verticais e massivas, como as que se reportam ao rádio, à televisão, à imprensa e ao cinema, se compõem e ao mesmo tempo se diferenciam do acesso a formas e razões de uso das ferramentas horizontais, mais individuais e em rede, ligadas à internet, aos blogs, às redes de relacionamento, entre outras; dificuldade ainda no apreender práticas culturais de atores ativos, individuais e coletivos, e onde essas práticas são marcadas pela pluralidade e diversidade de valores e símbolos assumidos e expressos em suas razões de ser e de uso público.

É oportuno então observar que as práticas de recepção mediática na verdade podem ter se dedicado muito mais ao estudo das relações dos media com as pessoas, e do lugar destas com aqueles, em função de um fim que se oculta no social e que na verdade se define como sujeito da própria comunicação. Esse viés a um só tempo do objeto e da metodologia de seu estudo confere a possibilidade de dizer que ao invés de se estudar a relação das pessoas com a sociedade através dos media, em sua função de mediação, os estudos sobre recepção mediática têm buscado o social e o cultural numa perspectiva que se concentra muito mais no estudo da relação entre os media e as pessoas. Assim, saliente-se a pertinência da afirmação que sugere esse deslocamento do objeto de estudo da comunicação “dos meios às mediações” (Martin-Barbero, 1997).

Estes e outros fatores assinalam limites no estudo da comunicação na perspectiva da recepção mediática, tanto quanto podem ser indicadores do que Escosteguy aponta como um arrefecimento no entusiasmo que marcou essa perspectiva de estudos especialmente no Brasil, nos anos 90 (Escosteguy, 2008). Fatores esses possivelmente se juntam aos limites das próprias teorias da comunicação, como apontado há pouco, e nas quais se situam as perspectivas de estudo que também envolvem a recepção aos media.

A perspectiva da “dupla mediação” em Miège

Como assinalado há pouco, a presença dos estudos culturais ingleses, especialmente em sua vertente latino-americana, tem apontado desde o final do século passado, um deslocamento possível e metodologicamente desafiador no âmbito de estudos sobre a recepção mediática: compreender a comunicação não a partir do emissor, mas das práticas que no mundo da cultura permeiam a recepção. Nesse objetivo importa privilegiar as mediações, ainda que plurais e diversas, mas passíveis de uma relação hegemônica, e que na verdade se interpõem como os sentidos que orientam a relação das pessoas através dos media com a própria vida, ou seja, também com a sociedade. É nesse processo que sentidos em negociação se colocam como mediação fundamental de compreensão da relação que se estabelece entre as pessoas e as ferramentas da comunicação. É bem verdade que o tema da mediação, ainda que historicamente presente em várias posturas teóricas interpretativas, é polemico pela

Um dos aspectos mais debatidos por ele está no questionamento do determinismo das ferramentas técnicas nos processos da informação e da comunicação, propondo a análise das lógicas sociais e transversais que sustentam esse processo na atualidade. Contrapõe que o lugar das ferramentas se coloca na proporção mesma de compreensão da dinâmica social como elo igualmente fundamental para se compreender o pensamento comunicacional em construção na contemporaneidade. E esse parece ser um eixo a partir do qual desenvolve e sugere caminhos. Uma afirmação de Castoriadis, indicada e debatida por Miège, bem aponta o eixo de sua preocupação “*Mas o conjunto técnico ele mesmo está privado de sentido, técnico ou qualquer que seja, se o separarmos do conjunto econômico e social...*” (Miège, 2009/A, p.9)

Assim, como que em uma síntese de suas preocupações está a relevância do olhar para o que denomina de “dupla mediação” entre a técnica e o social, indicando ainda a pertinência do “enraizamento social” das práticas comunicacionais como objeto a ser mais e melhor trabalhado pela pesquisa. Opta, pois, por uma abordagem por ele mesmo assumida como decididamente comunicacional, evidenciando as múltiplas mutações e mudanças operantes nas nossas ações comunicacionais cotidianas. Desenvolve então um longo e complexo quadro de análise e de crítica do pensamento e da pesquisa em comunicação na contemporaneidade e de forma instigante.

Sobre “a dupla mediação” e “l’ancrage social”.

Miège reconhece que as novas ferramentas da comunicação, ora denominadas de TICs (tecnologias da comunicação e da informação), ora de Novas Media, se encontram dentro de um estágio de maturidade já observável pela sua presença generalizada em todos os setores da vida produtiva, social e cultural, constituindo-se como componentes da vida cotidiana. Entende, no entanto, que se definiu um discurso cada vez mais evidente de criação de certezas e de evidências sobre essas ferramentas. Isso se manifesta com a antecipação crescente dos seus usos possíveis e de sua eficácia, bem como com a certeza de que propiciarão resultados sociais e culturais. São discursos antecipatórios que procuram a convergência de redes e ferramentas de relacionamento e que propiciam na verdade conflitos múltiplos na relação com os usuários. Muitas das posturas teóricas

comunicação e não apenas como participantes de mudanças políticas, de sociabilidade, de aparatos organizacionais e de produção comercial; analisar mais do que fatos e circunstâncias, mas a contribuição dos media na evolução da sociedade contemporânea e não reduzi-los a quadros interpretativos de pouca significação; segundo, buscar compreender a temporalidade da técnica, fator quase sempre negligenciado, e fundamental para se entender a tendência da técnica como um movimento. Só utópicos apressados e tecnólogos interessados ignoram essa importância da temporalidade; terceiro, importa ter melhor evidenciada a distinção entre o que é inovação de outros aparatos próximos como os processos de mutação, os de mudança, de aperfeiçoamento social e cultural envolvidos na relação técnica e sociedade.

Essas suas sugestões na verdade assinalam sua proposta de que a hipótese da “dupla mediação” entre a técnica e o social seja mais trabalhada no que ele denominou de “ancrage social”, ou segundo ele mesmo, a necessidade do estudo do “enraizamento social” derivado da presença e atuação das novas tecnologias da informação e da comunicação.

Esse enraizamento social, marca de sua proposta de estudos, pode se efetivar através de um esquema de análise em sete eixos de aprofundamento: o estudo da 1. “informatização”; 2. da mediação da comunicação; 3. da ampliação do seu domínio; 4. da “marchandisation des activités communicationnelles”; 5. da generalização das relações públicas; 6. da diferenciação das práticas comunicacionais; 7. da circulação e fluxo de informações e da transnacionalização das atividades.

Entre outros aspectos que Miège desenvolve na seqüência deste desejado diálogo entre técnica e o social, especialmente sobre o enraizamento social da técnica, está a distinção que faz entre técnica e tecnologia. A tecnologia seria um termo que se aproxima mais da noção de um discurso sobre a técnica, e estaria voltada a uma esfera prática de atuação. As TICs envolvem a técnica/ferramenta e não tecnologia, o mesmo se dando na apreensão do termo Novas Media. Esse reconhecimento indica a intenção implícita de reforçar a própria idéia de dupla-mediação, pois ao abordar as práticas (técnicas) e não o discurso sobre elas (tecnologia) ele propõe a análise dos desenvolvimentos técnicos a partir de suas determinações sociais e não mais somente como consequência de inovação tecnológica.

As perspectivas que desenvolveu nessa relação entre técnica e o



social envolvem dimensionar sob ângulos instigantes outros aspectos, que não serão aqui adensados, como a relação entre redes, dispositivos e conteúdos.

Sobre o espaço público mediático

Um outro eixo de estudos de Miège se refere à crítica e à atualização do tema do espaço público mediático. Retoma os estudos seminais de Habermas admitindo que diversos aspectos deram forma histórica a esse processo e que hoje possibilitam hipóteses novas a respeito. Na sua perspectiva, o espaço público mediático tem seu primeiro instante na significação da imprensa de opinião, mais tarde, já no século dezenove, com o surgimento da imprensa comercial e de massa. Um terceiro momento se dá com o surgimento dos meios audiovisuais de massa e particularmente da televisão generalista, e enfim, em quarto momento, com o advento das relações públicas generalizadas, quando surgem as estratégias de comunicação das grandes organizações, sindicatos e igrejas.

Esses quatro diferentes momentos da evolução histórica do espaço público surgem sucessivamente no contexto europeu e norte-americano, o que não lhes traz uma necessidade ou homogeneidade, devem ser vistos na dependência de fatores sociais históricos tanto quanto de atores sociais.

Essa evolução não significa a definição do espaço público desde as atualizações e mudanças tecnológicas, por si só, mas significa que os modelos de comunicação respondem a lógicas sociais que lhes atribuem sentido.

Miège entende que essas mutações do espaço público estão em curso: sua fragmentação bem como sua ampliação em espaços públicos parciais; a formação de espaços públicos mais sociais do que políticos influenciando bastante na construção dos modos de vida cotidiana e do estar junto social, o que tem levado os meios de comunicação cada vez mais para atuação na esfera da vida privada e individual. Isso propicia assimetrias como as de classes sociais no acesso ao espaço público através dos media importando muito cuidado para não se chegar a conclusões rápidas e que não levem em conta a longa duração desses mesmos processos.

Contrariamente a certos discursos que assinalam mudanças radicais e espetaculares acontecendo no seio das práticas sociais, das

relações de trabalho e mesmo na vida cotidiana, assinala que na verdade há mudanças que lentamente vem acontecendo em pelo menos três direções:

1. A comercialização e mesmo a industrialização de quase todos os produtos comunicacionais, processo muitas vezes associado à globalização neo-liberal em curso, acelerando e facilitando os mecanismos de trocas sociais e culturais, a industrialização de conteúdos, a expansão das redes e ferramentas.

2. A mediatização técnica da comunicação, donde a cibercultura, as comunidades virtuais, tidas muitas vezes como prejudiciais à comunicação presencial cotidiana, de ruptura de laços e tecidos sociais, ou de limitadores de participação democrática.

3. A individualização das práticas sociais é outro aspecto em evidência no espaço público contemporâneo. Esse deslocamento que propicia do cinema ao uso do DVD em casa, as múltiplas opções da Net e de fóruns mediáticos especializados evidentemente propiciam mudanças e trocas sociais e que devem ser analisadas com cuidado.

Esse conjunto de variáveis indicadoras de um processo de espaço público em mutação evidentemente tem que levar em conta a emergência de novas normas reguladoras da ação comunicacional. Por outro lado, a interpenetração da esfera privada e a esfera do mundo do trabalho, incorpora aí as novas tecnologias em um trânsito entre ambas. O mesmo se dá nas esferas do lazer, nas tomadas de decisão, na escola criando um laço estreito entre viver, decidir e trabalhar na complexidade mediadora de múltiplas ferramentas.

Em síntese, estas reflexões de Miège (2009/B) até aqui sintetizadas apontam a possibilidade de que o espaço público mediático estaria construindo nos dias atuais uma quinta fase, na seqüência das quatro que ele apontou há pouco, indicando que nos dias atuais ainda prevalece o acesso ao espaço público mediático pelas mídias massivas, matriz dos chamados públicos de massa.

No contraponto com o pensamento habermasiano e da prevalência de um espaço público de argumentação, basicamente na esfera política, e tendencialmente único, chega-se a um espaço público mediatizado cada vez mais na confluência de espaços parciais, mais sociais do que políticos, mais tendentes ao individual do que ao coletivo, e por isso mesmo mais conflitivos. A *dimensão simbólica* de participação no espaço público através da mídia se torna uma marca da contemporaneidade.

Na verdade Miège tem destacado que mais do que o envolvi-



mento de tecnologias massivas e pós-massivas há um espaço público cada mais mediado por práticas *sócio-simbólicas*. Engajados na maioria das vezes com a preocupação mais ou menos expressa de dar todo o apoio ao ator final, o usuário consumidor, as práticas se encontram paradoxalmente na dependência direta das tendências cuja inserção social pretendem acompanhar, com o risco nem sempre evitado de valorizar todas as vezes a perspectiva de um salto qualitativo ou mesmo de uma nova comunicação baseada no determinismo técnico.

Perspectivas advindas para compreensão do objeto da recepção mediática.

Já é bastante conhecido entre nós no Brasil que a tradição de estudos franceses em comunicação não se volta ao estudo do tema da recepção mediática como temos feito aqui até agora, perspectiva esta advinda muito mais da tradição norte-americana de estudos em comunicação. Os estudos franceses se voltam para a relação entre mídia e receptor buscando a compreensão de processos sociais envolvidos, com referenciais teóricos outros, donde os estudos que embora se sirvam de termos como usuários de mídia se voltam para preocupações mais ligadas às práticas de comunicação.

Miège se coloca na perspectiva de estudo sobre as indústrias culturais e a metodologia de análise de que se serve torna sua aqui pertinente e sob vários ângulos.

Primeiro, sua hipótese referente à "dupla mediação" entre a técnica e o social retoma dimensões do conceito de mediação que os estudos culturais têm resgatado atualmente, mas Miège indica um campo muito mais amplo de indagação, objetiva por onde deve ser buscada a mediação. Indica ele na verdade que o nexo entre emissor/receptor não se limita a uma verticalidade ou causalidade entre esses dois atores, nem deve ser visto apenas como uma questão de mediação tecnológica massiva ou pós-massiva, mas deve ser buscada no interior dos processos onde esses mesmos nexos se dão, o campo por ele denominado de enraizamento social dessas mesmas técnicas, atentos ao fato de que conjugam-se com um processo social que não lhe é passivo ou independente. Na verdade, sob argumentos vários Miège está sugerindo que o lugar das novas tecnologias no processo da comunicação deve ser trabalhado não como um nexo causal ou circunstancial e de curta duração entre atores e ferramentas, mas

como prática social, de fato e em toda a sua extensão, como lógicas que a sustentam e que estão também em mutação.

As indicações de sua proposta referentes ao conhecimento mais detalhado e processual de emergência e consolidação de ferramentas de comunicação, tanto quanto sua estratégia de estudo dos processos de enraizamento do social, “a dupla mediação”, configuram para os estudos de recepção um deslocamento metodológico de objetos e de processos de estudo da relação das pessoas não mais com os media mas com a sociedade através dos media, de fato mediação.

Segundo, nossa hipótese de estudos sobre as praticas de recepção mediática serem vistas como expressão de busca de pertencimento a um comum mediático e que é ao mesmo tempo um comum-público (Sousa, 2006. p.215) tem a contribuição de Miége na indicação de que o espaço público sócio-simbólico, mais societal do que político, mais dependente de seu lugar social do que tecnológico, mais cultural-prática de vida do que de argumentação, podem configurar um novo modo e razão de estar-junto social.

As indicações sobre a “dupla mediação” e o “enraizamento social” acabam se juntando com as dimensões de pertencimento público sócio-simbólico oferecendo perspectivas de um deslocamento instigante para estudo. As temáticas do sentimento de pertencimento a espaços públicos mediados pelos diferentes media, sua inserção em um comum mediático que se define pela própria experiência individual ou coletiva de exposição a linguagens e conteúdos, ganha a oportunidade de encontrar sob termos antigos apropriações conceituais novas (Sousa, 2007). Questões que envolvem as práticas de recepção mediática como a sua individualização crescente, a exposição mediática como manifestação da subjetividade e da busca de identidade, a mediação que leva a relacionamentos buscados em redes e comunidades são, entre outros, fatores que podem amadurecer a hipótese da recepção mediática ser vista como espaço mediador da construção de experiências que se traduzem em formas atualizadas de expressão pública do estar junto coletivo.



Referências Bibliográficas

- ESCOSTEGUY, A. C. 2008. Quando a recepção já não alcança, por uma revisão no objeto e método. Grupo de Trabalho Recepção, Usos e Consumo Mediático. COMPÓS. São Paulo, Junho
- MARCONDES FILHO, C. 2008. *Para entender a comunicação*. São Paulo: Ed. PAULUS
- MARTIN-BARBERO, J. 1997. *Dos meios as mediações*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.
- MARTIN-BARBERO, J. 1995. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, M. W. (org) *Sujeito o lado oculto do receptor*. São Paulo: Ed. Brasiliense.
- MIEGE, B. 2009/A. *A sociedade tecida pela comunicação*. São Paulo: Ed. PAULUS
- MIÈGE, B. 2009/B. Penser l'espace public: les enjeux actuels. São Paulo. .Paper - Seminário Mutações no Espaço Público – ECA/USP
- SODRÉ, M. 2009. *Antropológica do espelho*. Petrópolis. Ed. VOZES
- SODRÉ, M. 2001. O objeto da comunicação é a vinculação social, in: *Entrevista/Revista PCLA*. Rio de Janeiro. N.1 p.s/n..

- SOUSA, M. W. 1998. *A recepção sendo reinterpretada*, in: Revista *Novos Olhares*. São Paulo. Ano I, n.1
- SOUSA, M. W. 2006. Práticas de recepção mediática como práticas de pertencimento público. in: SOUSA, M. W.. (org.) *Recepção Mediática e Espaço Público*. São Paulo: Ed. PAULINAS.
- SOUSA, M. W. 2007. Recepção mediática como linguagem de pertencimento. in: MEDOLA, A. S. L. D. e outras (org) *Imagem, visibilidade e cultura mediática*. Porto Alegre. Ed. SULINA.
- SANTOS, M. S. T. e NASCIMENTO, M. R. 2006 Revendo o mapa noturno: análise da perspectiva das mediações nos estudos de recepção. in: SOUSA, M. W.. (org.). “*Recepção Mediática e Espaço Público*”. São Paulo: Ed.. PAULINAS
- SIGNATES, L. 2006. Estudo sobre o conceito de mediação e sua validade como categoria de análise para os estudos de comunicação. in: SOUSA, M. W..(org.) “*Recepção Mediática e Espaço Público*”. São Paulo: Ed. PAULINAS.
- TRIVINHO, E. 2007. *A dromocracia cibercultural*. São Paulo: Paulus.